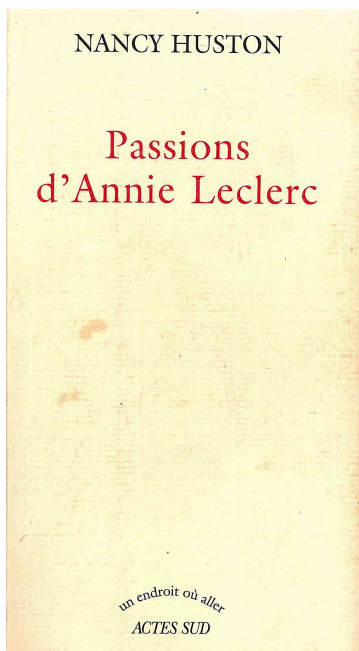


HUSTON, Nancy. *Passions d'Annie Leclerc*.
Arles: Actes sud; Montréal: Leméac, 2007.

Nubia Hanciau

Fechei a porta e logo a ouvi chamar: “Nancy!”
Voltei, reabri a porta. “Deixa-me ver mais uma
vez teu belo sorriso!” Sorri para ela, fechei a
porta e desmanchei-me em lágrimas no
corredor. Quase certa de que não a veria mais.

(*Diário de N.H., 26 de fevereiro de 2006*)



Em 2006, quando Nancy Huston recebeu o prêmio Fêmina pelo romance *Lignes de faille*, e em novembro veio ao Brasil para palestras no Rio de Janeiro e em Salvador, seu pensamento estava ainda voltado para a amiga Annie Leclerc, falecida em outubro, de quem fora muito próxima nos últimos anos. “Eu queria reconhecer uma dívida”, ela declara em frequentes entrevistas a respeito de seu último ensaio, *Passions d'Annie Leclerc*, ao mesmo tempo homenagem, prova de amizade e respeito. “Achava que era injusto ser lida e ela não, eu que não teria escrito se não fosse ela. Ou teria escrito, provavelmente, mas não os mesmos livros”. A mentora de

Nancy Huston, Annie Leclerc (1940-2006), foi professora de filosofia na Sorbonne, autora de vários livros, entre eles, *Toi, Pénélope* (2001), *Eloge de la nage* (2002), *L'enfant, le prisonnier* (2003), *L'amour selon madame de Rênal*, diário ficcional de Madame de Renal, obra póstuma em que, ao identificar-se à protagonista, Leclerc imagina seus pensamentos e reflexões morais, um convite a ler *Le Rouge et le Noir* de Stendhal. *Passions d'Annie Leclerc*, que nos interessa agora, é um texto sob a forma de mosaico de citações, mais ou menos como funciona a memória quando se pensa em um ser querido que se foi. Misturadas, lêem-se reflexões íntimas de Huston sobre os livros de Leclerc, excertos da correspondência que trocaram, lembranças dos momentos de amizade e, finalmente, o luto. O sumário traz a apresentação intitulada *Connaître quelqu'un* (p. 9), *Annie Leclerc: variations* (p. 23) e, a seguir, trinta quadros que focalizam diferentes temas, entre eles, nadar, rir, chorar, ler; a velhice, a morte, a alegria e a felicidade das pequenas coisas da vida, as relações filosóficas que se estabelecem entre o pensamento de Annie Leclerc e Milan Kundera ou Simone de Beauvoir, textos curtos que desenham o retrato da homenageada (e de certa forma o de

Nancy Huston), que podem perfeitamente ser lidos fora de ordem. Neles se conhece melhor essas mulheres generosas, apaixonadas, dotadas de espírito e pensamento marcantes, consideradas referência, sobretudo para aquelas associadas a movimentos fortes. Depois dos quadros, na página 299 há um *Saluto alla strega*, que precede os anexos e os textos de Leclerc e de Séverine Auffret. Ao final, uma relação das obras da homenageada citadas por Nancy Huston. Cabe lembrar que no feminismo Leclerc desencadeou senão um cataclisma, uma divisão nas fileiras das “beauvoiristas” ao escrever, em 1974, *Parole de femme*, onde diz que o mundo necessita do saber das mulheres; se elas devem ter os mesmos direitos e as mesmas oportunidades dos homens, nem por isso o que realizaram através dos tempos – a preservação e a perpetuação da vida – deve ser menosprezado. Não se trata de uma chamada para a volta ao lar, mas para a volta ao mundo de todos os valores dele emanados. Esse episódio/tomada-de-posição desagradou Simone de Beauvoir e talvez explique por que os livros de Annie Leclerc foram pouco lidos e não são encontrados nas livrarias. Em sintonia com a amiga, Nancy Huston declara: “Quando se relê *Le Deuxième sexe*, surpreende o

desgosto que Beauvoir nutria pelo corpo da mulher, notadamente naquilo que ele tem de mais específico – as regras, o sexo, o parto. É pena ver uma mulher de fina inteligência e imenso talento ter tamanha aversão à maternidade. Aliás, quando suas amigas estavam grávidas ela peremptoriamente se recusava a vê-las...”. Annie Leclerc, bem ao contrário, acreditava que nenhum pensamento poderia nascer fora do corpo, lugar da inteligência, ponto de vista privilegiado das mulheres sobre a vida, depois de transformadas pela experiência carnal da maternidade. A filósofa deu voz a mulheres que eram mães e estavam cansadas de se ver descritas como pobres oprimidas, impedidas de avançar porque arrastavam seus “apêndices”. A própria Huston considera terrível esse esquecimento de que também fomos crianças um dia. No contraponto, sobre a morte (capítulo V, p. 63), Leclerc entende que na vida de cada um de nós há duas mortes: a dos outros e a nossa; aquela com a qual devemos conviver (o luto) e a que põe fim à nossa própria vida (a agonia), diferentes uma da outra. Filosofar, segundo ela, é aprender a morrer. Se somos tão indignados em relação à morte, é porque a vivemos como uma imagem autônoma e distante; e, nessa perspectiva, a morte só

pode ser uma catástrofe, em que tudo se perde. Só não se perde se tomarmos a vida como construção graças à interação com os outros e ao prazer da descoberta. Narrativa autobiográfica que se abre para várias reflexões instigantes sobre a amizade entre essas duas mulheres, suas trocas epistolares, cujos excertos publicados revelam a afinidade intelectual na troca de experiências e nas dificuldades que Annie e Nancy encontram em escrever, *Passions d’Annie Leclerc* também é um ensaio sobre a cumplicidade feminina, a de uma “femininidade” que mudou, assumida em suas grandezas e misérias; é ainda a narrativa de uma doença dura e cruel, do luto de uma amiga chorosa pela dor da perda, uma leitura interessante que leva à dupla descoberta: a de Annie Leclerc, uma das raras filósofas contemporâneas; a de Nancy Huston (1953), descoberta-revelação em nosso país. Traduzida em várias línguas, Huston hoje ingressa com êxito na cena literária brasileira com *Marcas de nascença* (L&PM, 2007), seu primeiro romance “brasileiro”. Autora de treze romances, treze livros de ensaios, livros infantis e uma peça de teatro – *Angela et Marina*, recentemente encenada em Paris –, é Huston quem faz o convite: “Você que jamais ouvirá ressoar o riso ‘real’ de Annie Leclerc, você poderá ler, aqui,

seu riso escrito. Ele também é real, aí está o verdadeiro milagre. Deixamos além da morte milhões de sinais de vida”. Da vida dessas duas grandes autoras, as páginas 299-300 são particularmente significativas, por isso são aqui traduzidas:

SALUTO ALLA STREGA

7 de fevereiro de 2007 – O livro chega ao fim. Faz mais de cem dias que Annie está morta. Sonhei com ela esta noite; ao acordar, do sonho só me restou uma única palavra: *strega*.

A feiticeira.

Então a escrevo, essa palavra-presente do sonho. Visivelmente ela também deve figurar em minha homenagem a Annie Leclerc. *Strega*.

A revista para a qual escrevíamos as duas há trinta anos, sem nos conhecermos, chamava-se *Sorcières: les femmes vivent*.

Feiticeira, Annie? Sim, agora de repente compreendo: ela era uma mulher assim. Reunia um número de características dessas mulheres perseguidas e executadas aos milhares: entre nós no Ocidente, outrora e em muitas partes do mundo, ainda hoje, em nossos dias. Tinha certa idade; vivia afastada, na margem; não pertencia a nenhum grupo; possuía grande saber; havia penetrado vários mistérios; com suas palavras fazia magia.

Muito forte, Annie Leclerc. Muito sábia, muito independente. Perigosa, por sua força, seu saber, sua independência. O que se faz com as feiticeiras? Marcadas com o selo do opróbrio. Faz-se tudo para dobrar sua força, para desprezá-las, bani-las, injuriá-las, ridicularizá-las. Vejam só! Elogio do trabalho doméstico! Feiticeira ridícula com sua vassoura! Vejam só! Elogio do gozo! Horror! *Sabbat!* Escândalo!

Muito sábia, Annie Leclerc. Muito independente. Muito bela. Nada maléfica. Magnífica. Viva a feiticeira!